

KALÓ MINA!

Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau

Florianópolis

<https://igrejasanicolau.org>

DE APARECIDA À PANAGÍA FANEROMÉNI

Como diferentes povos invocam a Mãe de Deus

28 DE OUTUBRO – O DIA EM QUE A GRÉCIA DISSE “NÃO”

O OXI, a memória da resistência e a Santa Proteção da Theotokos

QUEM ACOLHE UMA CRIANÇA, ACOLHE CRISTO

O lugar dos pequenos na vida da Igreja

PARA TODOS HÁ LUGAR NO CORPO DE CRISTO

Neurodivergência e o desafio de acolher diferentes maneiras de estar na Igreja

Entre o Logos e a Philoxenia. Tradição que se abre ao mundo.

KALÓ MINA



● EXPEDIENTE

EDITOR

Mons. André Sperandio

WHATSAPP

(48) 3012 1340

REDES SOCIAIS

 facebook.com/paroquiasaonicolau

 instagram.com/igrejaanicolau

E-MAIL

info@igrejaanicolau.org

WEB

www.igrejaanicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC (Brasil)

Sacra Arquidiocese de

● Buenos Aires e América
do Sul

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de Buenos
Aires, Primaz e Exarca da América
do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. Dom Irineo de Tropaion
S.E.R. Dom Meletio de Zela



DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00, precedida de
Orthros (Ofício de Matinas) às 09h00.

Nesta Edição:

05 CALENDÁRIO LITÚRGICO



O caminho espiritual do mês e as principais celebrações.

07 MEMÓRIA E COMUNHÃO



Aniversários, onomásticos e memórias que unem nossa comunidade.

06 ESPECIAL



Como diferentes povos invocam a Mãe de Deus

09 ECOS DO OLIMPO



Mitos, símbolos e sabedoria da Grécia antiga

15 VIDA ECLESIAL



Celebrações, encontros e acontecimentos de nossas comunidades.

23 CAPITÃO SAVAS



Cem anos de memória

28 CONTOS DE KASTELLÓRIZO



Histórias, tradições e lembranças da terra de nossos antepassados.

32 RECEITAS DO KALIMERA



Sabores da tradição helênica transmitidos entre gerações.



ABRIR ESPAÇO

Caríssimos leitores,

Outubro chega trazendo consigo muitas memórias. Algumas pertencem ao calendário da Igreja; outras, à história de um povo; outras ainda nascem da vida cotidiana de nossas famílias e comunidades. Reunidas nesta edição de *Kaló Mina*, elas acabam nos conduzindo a uma mesma pergunta:

Como recebemos aquilo — e aqueles — que Deus coloca diante de nós?

O mês se abre sob a Santa Proteção da Theotokos. A antiga festa da Agia Sképi conserva a imagem da Mãe de Deus estendendo seu véu sobre os fiéis. No Brasil, poucos dias depois, milhões se voltam para Nossa Senhora Aparecida. E, na tradição de Kastellórizo, encontramos a Panagía Faneroméni. Nomes, histórias e lugares diferentes guardam a memória de comunidades que aprenderam a recorrer à Mãe de Deus e a reconhecer sua presença materna conduzindo sempre a Cristo.

Também as crianças encontram lugar especial nestas páginas. O Evangelho não as conserva à margem: Cristo as chama para perto, toma-as nos braços e as coloca no meio. Isso diz muito sobre a comunidade que desejamos ser. Uma igreja que recebe crianças recebe também sua espontaneidade, suas perguntas, seus movimentos e seus pequenos ruídos.

A mesma exigência de acolhimento aparece quando pensamos nas pessoas neurodivergentes. O Corpo de Cristo não é constituído pela uniformidade. Nele há diferentes dons, sensibilidades, limites e maneiras de perceber o mundo. Pertencer à Igreja significa encontrar nela um lugar verdadeiro, no qual cada pessoa possa participar da vida comum sem precisar deixar à porta aquilo que faz parte de sua própria condição.

Há também aquilo que recebemos das gerações anteriores. A memória dos imigrantes gregos, a história de Savas Nicolau Savas, as lembranças trazidas de Kastellórizo, as receitas transmitidas nas famílias e a própria Festa Grega mostram que uma tradição permanece viva quando encontra quem a receba e quem esteja disposto a transmiti-la.

E há, finalmente, o mundo que recebemos. A reflexão sobre a criação recorda que não somos proprietários absolutos daquilo que existe. Recebemos a terra, seus frutos e a vida como dons. A atitude cristã diante deles é eucarística: receber com gratidão, cuidar e oferecer.

Outubro nos convida, assim, a abrir espaço: para Deus, para o outro, para as crianças, para quem experimenta o mundo de maneira diferente, para a memória dos que vieram antes de nós e para a criação que nos foi confiada.

No fim do mês, o povo grego voltará a pronunciar uma palavra breve e carregada de memória: OXI — não. Há recusas que também protegem aquilo que recebemos. A história daquele 28 de outubro recorda a resistência de um povo diante da invasão; a Igreja da Grécia, no mesmo dia, ergue os olhos para a Santa Proteção da Theotokos.

Entre acolher e guardar, receber e transmitir, dizer “sim” ao que dá vida e “não” ao que a ameaça, seguimos aprendendo a viver como comunidade.

A todos, um abençoado mês de outubro.

KALÓ MÍNA!

Mons. André Sperandio
Pároco-reitor



Calendário Litúrgico



O Ano Litúrgico e a beleza do tempo sagrado



Por que a Proteção da Theotokos é celebrada duas vezes em outubro?

A festa da Proteção da Santíssima Theotokos — *Agía Sképi* — tem sua origem na tradição de Constantinopla e recorda a visão da Mãe de Deus na igreja de *Blachernae*, estendendo seu véu sobre os fiéis como sinal de proteção e intercessão.

Seu dia litúrgico tradicional é 1º de outubro. Na Grécia, porém, a celebração foi posteriormente transferida para 28 de outubro, unindo-se à memória nacional daquele dia e à gratidão pela proteção da Theotokos durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

Por isso, nos calendários ortodoxos podemos encontrar a Santa Proteção associada às duas datas: 1º de outubro, segundo sua antiga celebração litúrgica, e 28 de outubro, segundo o uso da Igreja da Grécia

✠ VOCÊ SABIA?

OUTUBRO: SOB A PROTEÇÃO DA THEOTOKOS DA SANTA PROTEÇÃO AO TESTEMUNHO DOS APÓSTOLOS E MÁRTIRES

Outubro se abre, no calendário ortodoxo, sob o sinal da Proteção da Santíssima Theotokos. A festa da *Agía Sképi*, celebrada em 1º de outubro, recorda a confiança da Igreja na intercessão da Mãe de Deus, que envolve seus filhos com sua proteção e os conduz sempre a Cristo.

Ao longo do mês, essa confiança acompanha uma rica sucessão de testemunhos. Celebramos o Apóstolo Tomé, que diante do Ressuscitado proclama: “Meu Senhor e meu Deus”; recordamos os Santos Padres do VII Concílio Ecumênico, defensores da veneração dos santos ícones; encontramos São Lucas, Evangelista e médico; São Tiago, Irmão do Senhor; e, já nos últimos dias do mês, o Grande Mártir Demétrio, o Miroblita.

Na tradição grega, o dia 28 de outubro volta a colocar diante dos fiéis a Santa Proteção da Theotokos, numa celebração profundamente incorporada à memória do povo helênico.

Assim, outubro nos recorda que a vida cristã se constrói sob o amparo de Deus e através do testemunho daqueles que permaneceram fiéis: a Theotokos que intercede, os Apóstolos que anunciam, os Padres que guardam a fé e os Mártires que a testemunham com a própria vida.

DOMINGOS LITÚRGICOS

Dia 4 → 2º Domingo de Lucas

- Orthros: Jo 20,1-10 | Ap.: 2Cor 9,6-11 | Ev.: Lc 6,31-36

Dia 11 → Domingo dos Santos Padres do VII Concílio Ecumênico

- Orthros: Jo 20,11-18 | Ap.: Tt 3,8-15 | Ev.: Lc 8,5-15

Dia 18 → Domingo do Santo Apóstolo e Evangelista Lucas

- Orthros: Jo 20,19-31 | Ap.: Cl 4,5-11.14-18 | Ev.: Lc 10,16-21

Dia 25 → 6º Domingo de Lucas

- Orthros: Jo 21,1-14 | Ap.: Gl 2,16-20 | Ev.: Lc 8,26-39

FESTAS E MEMÓRIAS

Dia 1 → Proteção da Santíssima Theotokos — *Agía Sképi*; São Romano, o Melodista.

Dia 3 → São Dionísio, o Areopagita.

Dia 6 → Santo e Glorioso Apóstolo Tomé.

Dia 11 → Santos Padres do VII Concílio Ecumênico.

Dia 12 → São Simeão, o Novo Teólogo; (no Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil).

Dia 17 → Santos Mártires Cosme e Damião da Arábia.

Dia 18 → Santo Apóstolo e Evangelista Lucas.

Dia 20 → Santo Grande Mártir Artêmio.

Dia 21 → Santo Hilarião, o Grande.

Dia 23 → Santo Apóstolo Tiago, Irmão do Senhor.

Dia 26 → Santo Grande Mártir Demétrio, o Miroblita.

Dia 28 → Proteção da Santíssima Theotokos — *Agía Sképi*.

COMO DIFERENTES POVOS INVOCAM A MÃE DE DEUS

De Aparecida à Faneroméni — nomes que guardam histórias de fé, proteção e pertencimento

Outubro nos convida de maneira particular a voltar os olhos para a Mãe de Deus. No Brasil, o dia 12 é inseparável de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do país. Para os cristãos ortodoxos, o próprio mês se abre, em 1º de outubro, com a Proteção da Santíssima Theotokos — Agía Sképi, festa que recorda a visão ocorrida na igreja de Blachernae, em Constantinopla: a Mãe de Deus estendendo seu véu sobre os fiéis como sinal de sua intercessão e proteção. Na tradição grega, a festa é celebrada solenemente em 28 de outubro.

São histórias diferentes, nascidas em contextos também diferentes. Mas elas nos permitem perceber algo que atravessa a experiência cristã: ao longo dos séculos, povos e comunidades aprenderam a invocar a Mãe de Deus por nomes que guardam também algo de sua própria história.

No Brasil, um desses nomes nasceu de um acontecimento singelo, às margens de um rio.

Uma pequena imagem nas redes

Em 1717, três pescadores — João Alves, Felipe Pedroso e Domingos Garcia — lançavam suas redes nas águas do rio Paraíba do Sul. A pesca não ia bem. Depois de várias tentativas, encontraram primeiro o corpo de uma pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição e, num segundo lançamento, a cabeça. A tradição registra que, depois daquele encontro, a pesca se tornou abundante. A imagem foi levada para casa e, pouco a pouco, vizinhos começaram a reunir-se diante dela para rezar. Vieram depois o oratório, a capela e os peregrinos. Aquela que fora encontrada nas redes tornou-se Aparecida. Em 1930, Nossa Senhora Aparecida foi proclamada Padroeira do Brasil.

Talvez o que mais toque nessa história seja sua simplicidade. Não começa num grande santuário ou diante de multidões, mas com pescadores, redes, água e uma pequena imagem quebrada. Uma devoção inicialmente doméstica acabaria entrando profundamente na memória religiosa de um povo.

Para nós, cristãos ortodoxos, não é preciso transformar essa história em algo que ela não é para reconhecer nela uma experiência familiar: a maneira como um ícone ou uma imagem, um lugar e a oração de sucessivas gerações podem tornar-se profundamente ligados à memória espiritual de uma comunidade.



Memória e Comunhão



Aniversários e onomásticos e outras memórias deste mês.

REGISTROS VIVOS DA NOSSA COMUNIDADE

DATAS MARCANTES QUE NOS UNEM EM AÇÃO DE GRAÇAS



ANIVERSÁRIOS

- Dia 06 → Luísa Pítsica Tambosi
- Dia 06 → Victor (Tobias) Garcês Soares
- Dia 07 → Cynthia Napoli
- Dia 11 → Danielle Pavinato Moretto
- Dia 11 → Ricardo Willerding Piazza
- Dia 13 → Petros Miguel Kotzias
- Dia 14 → Sumela Anastasiadis Diamantaras Mallmann
- Dia 16 → Gabriela Cavalcanti Verçoza
- Dia 16 → Jeverton Aparecido Leme
- Dia 19 → Eduardo Felipe Corrêa De Souza
- Dia 20 → Luiza Schneider Zupan
- Dia 23 → Lourenço (Gustavo) Mazurechen
- Dia 24 → Mateus Aranha Martins
- Dia 26 → João Cassiano (Francisco) Da Silva
- Dia 30 → Sverre Lucas Cordeiro Foldoy



✠ ONOMÁSTICOS

PRINCIPAIS NOMES COMEMORADOS EM SETEMBRO

- Dia 1 → Nino, Teresa, Romano, Romana
- Dia 3 → Dionísio, Dionísia
- Dia 4 → Vera, Hieróteo
- Dia 7 → Sérgio
- Dia 14 → Gervásio, Inácio, Nazário
- Dia 15 → Luciano, Luciana
- Dia 18 → Lucas, Lúcia, Marino
- Dia 19 → Félix
- Dia 20 → Diana
- Dia 23 → Tiago
- Dia 24 → Sebastiana
- Dia 26 → Demétrio, Demétria
- Dia 27 → Nestor
- Dia 28 → Eunice
- Dia 29 → Abraão,
- Dia 30 → Marciano
- Dia 31 → Narciso

POR QUE CELEBRAMOS O ONOMÁSTICO?

Receber o nome de um santo significa ser colocado sob sua proteção e inspiração. Por isso, a tradição ortodoxa celebra o dia do santo padroeiro como ocasião especial de ação de graças e renovação espiritual.



MEMÓRIA – MN'HMH

NESTE MÊS, RECORDAMOS:

- 2 de outubro de 2023 → há 3 anos: Adormecimento no Senhor de Savas Apóstolo Pítsica, em Florianópolis.
- 9 e 10 de outubro de 2001 → há 25 anos: Primeira Visita Pastoral de D. Tarasios à Paróquia São Nicolau de Florianópolis.
- 14 de outubro de 1997 → há 29 anos: Falecimento, em Curitiba, de Theodócio Jorge Atherino, esposo de D. Magdalena Joanides Atherino e pai de Maria de Rocio e Jorge Theodócio.
- 22 a 25 de outubro de 1998 → há 28 anos: realização do 12º Congresso Clérigo-Laico das Comunidades Ortodoxas Gregas, Associações e Instituições da América do Sul.





Quem acolhe uma criança, acolhe Cristo

Um convite a reconhecer o lugar dos pequenos na vida da Igreja

Outubro traz consigo, no Brasil, a Semana da Criança e o dia 12, dedicado especialmente a elas. A data integra o calendário brasileiro há mais de um século: em 1924, um decreto federal instituiu o 12 de outubro como dia da “festa da criança”. Ao longo do tempo, a comemoração ganhou forte presença comercial. Para nós, porém, ela pode suscitar uma pergunta mais importante: que lugar damos às crianças em nossa vida familiar e eclesial?

Os Evangelhos mostram a atenção singular de Jesus aos pequenos. Quando algumas pessoas levaram crianças para que Ele as tocasse e os discípulos tentaram impedi-las, Cristo reagiu: “Deixai vir a Mim as crianças, não as impeçais” (Mc 10,14). Depois, tomou-as nos braços e as abençoou.

Em outra ocasião, quando os discípulos discutiam sobre quem seria o maior, Jesus colocou uma criança no meio deles e ensinou: “Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe” (Mc 9,37). A criança não permanece à margem. Cristo a coloca no meio.

É também ali que ela deve encontrar seu lugar na Igreja.

Trazer uma criança pequena à igreja nem sempre é simples. Ela se movimenta, pergunta, distrai-se, às vezes chora. Os pais podem sentir o peso dos olhares e pensar em esperar que cresça para levá-la aos ofícios. Mas a criança já pertence à vida da Igreja.

Ela aprende a rezar rezando conosco e se familiariza com o templo estando nele. Reconhece os ícones, as velas, o canto, o incenso e os gestos da Liturgia porque cresce cercada por eles. Sua formação cristã começa muito antes de compreender tudo o que acontece diante de seus olhos.

São Clemente de Alexandria aproxima a maternidade humana da maternidade da Igreja: “A mãe chega os filhos a si, e nós procuramos a nossa mãe, a Igreja.” A comunidade cristã é lugar onde os filhos são recebidos, alimentados e conduzidos para Deus.

Essa responsabilidade pertence aos pais e a toda a comunidade. Cabe à família ensinar os primeiros gestos da fé, rezar com os filhos e trazê-los à vida sacramental; à comunidade, recebê-los com paciência e alegria. Uma igreja que acolhe crianças acolhe também sua espontaneidade, seus movimentos, suas perguntas e seus pequenos ruídos.

Neste mês de outubro, podemos oferecer-lhes algo que permanecerá além de qualquer presente: trazê-las para perto, abrir-lhes espaço, rezar com elas e permitir que cresçam sabendo que a igreja também é sua casa. Afinal, foi o próprio Cristo quem as tomou nos braços e ensinou: “Quem receber uma destas crianças em meu nome é a Mim que recebe.” (Mc 9,37)



A ALMA E O AMOR

Uma antiga história sobre desejo, perda e encontro

Havia uma jovem chamada Psiquê. Seu nome — psyché, ψυχή — significa “alma”. Sua beleza era tão extraordinária que despertou o ciúme de Afrodite. Por uma sucessão de acontecimentos, Psiquê foi deixada num rochedo, de onde Zéfiro, o vento suave, a transportou até um palácio misterioso. Ali começou uma estranha história de amor.

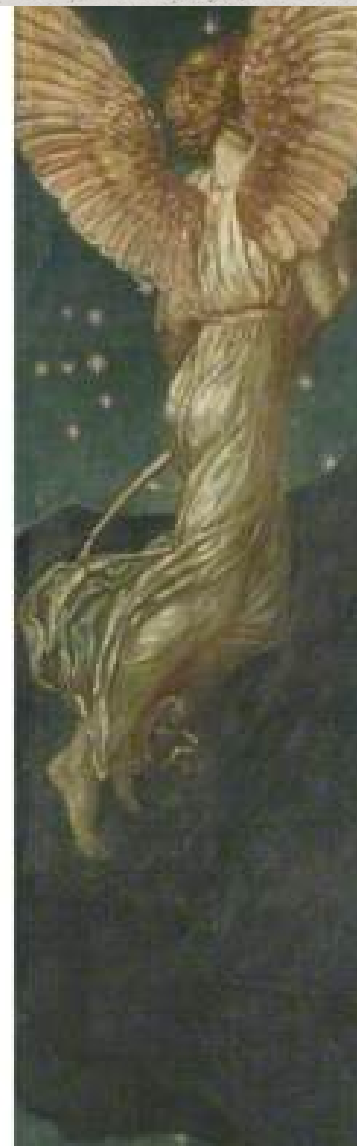
Todas as noites, na escuridão, um esposo que ela não podia ver vinha ao seu encontro. Psiquê conhecia sua voz, sua presença, sua ternura — mas não seu rosto. Ele lhe pedira apenas uma coisa: que não tentasse descobrir quem ele era. Por algum tempo, isso lhe bastou. Até que as palavras de suas irmãs fizeram crescer nela a dúvida. Certa noite, enquanto o amado dormia, Psiquê acendeu uma lâmpada. À sua frente não estava o monstro que temia encontrar, mas Eros, o próprio deus do Amor. Deslumbrada, inclinou-se sobre ele. Uma gota de óleo quente caiu da lâmpada e o despertou. E o Amor partiu.

Começou então a peregrinação de Psiquê. Para reencontrá-lo, teria de atravessar provas aparentemente impossíveis: separar uma enorme quantidade de sementes, aproximar-se de perigosas ovelhas de lã dourada, buscar água numa fonte inacessível e, finalmente, descer ao mundo dos mortos.

Curiosamente, porém, ela nunca realiza tudo sozinha. Quando suas forças não bastam, surge alguma ajuda: pequenas criaturas separam os grãos; um juncos lhe ensina como obter a lã sem enfrentar os animais; uma águia alcança a água que ela não conseguiria recolher. E Psiquê avança porque aprende também a receber.

Ao final, depois de tantas perdas e buscas, Eros volta a encontrá-la. Zeus concede-lhe a imortalidade, e as núpcias entre Eros e Psiquê podem enfim ser celebradas. A história termina com o nascimento de uma filha, cujo nome não poderia ser mais significativo: Volúpia — o Prazer.

A narrativa que conhecemos em sua forma literária mais completa não chegou até nós por um antigo fabulista grego, mas pelo escritor latino Apuleio, no século II, nos livros IV a VI de suas *Metamorfoses*, também conhecidas como *O Asno de Ouro*. É uma história pertencente ao vasto universo cultural greco-romano e que atravessou os séculos precisamente porque suas imagens parecem continuar fazendo perguntas a cada geração.



Aquilo que não podemos possuir

Talvez a imagem mais inquietante de toda a narrativa seja a pequena lâmpada acesa por Psiquê. Ela quer ver. Não é difícil compreendê-la. Quem ama deseja conhecer. Quem teme ser enganado procura certezas. Psiquê quer iluminar aquilo que permanece escondido e descobrir, finalmente, quem está diante dela. Seu drama começa quando conhecimento e posse quase se confundem.

Há coisas na vida que podemos examinar, medir e explicar. Outras, contudo, só permanecem vivas quando aceitamos que nunca estarão inteiramente sob nosso domínio. E o amor é uma delas. Amar alguém não significa possuir completamente seu mistério. Mesmo a pessoa que conhecemos há décadas continua sendo alguém que não cabe inteiramente em nossas expectativas, lembranças ou explicações.



Por isso, talvez, a história de Psiquê continue tão humana. Quantas vezes também nós gostaríamos de acender uma lâmpada sobre tudo aquilo que nos inquieta? Queremos saber antecipadamente o que acontecerá, compreender imediatamente o sofrimento, assegurar-nos de que não perderemos aquilo que amamos. Mas nem toda escuridão é ausência. E nem todo mistério precisa ser vencido.

Quando a alma aprende a receber

O junco, ao contrário, não vence a tempestade. Ele simplesmente reconhece que não pode enfrentá-la como se fosse mais poderoso que o vento.

Há ainda outro detalhe particularmente belo. A jornada de Psiquê não é simplesmente a história de uma heroína que vence todos os obstáculos graças à própria força. Ela precisa ser ajudada. Diante das sementes, não consegue. Diante das ovelhas, precisa escutar. Diante da água inacessível, outra criatura precisa alcançá-la por ela. Até mesmo depois de sua descida ao mundo dos mortos, a história não termina com uma autossuficiente vitória de Psiquê. E parece estar aqui uma das intuições mais delicadas dessa antiga narrativa: há caminhos nos quais amadurecer significa descobrir que não podemos tudo sozinhos. A alma que começou querendo iluminar o mistério termina aprendendo a receber aquilo que não conseguiria conquistar por suas próprias forças. É justamente nesse ponto que o cristão pode escutar a antiga história sem precisar transformá-la numa alegoria cristã. A fé não nos ensina que Psiquê secretamente representava a alma cristã, nem que suas provas eram antecipações da ascense. O mito pertence ao mundo que o produziu. Mas a pergunta que ele suscita pode atravessar esse mundo e chegar até nós:

O que acontece quando a alma deseja o Amor?

A resposta cristã é surpreendente porque inverte a direção da procura.

“Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou” (1Jo 4,10).

Antes de nossa busca, há um Amor que toma a iniciativa.

Séculos depois de Apuleio, a própria tradição cristã de língua grega não hesitaria em utilizar a palavra eros para falar, com todas as necessárias distinções, do desejo e do amor dirigidos a Deus.

São Máximo, o Confessor, seguindo a linguagem de São Dionísio Areopagita, não hesita em falar do eros divino. Em uma passagem, refere-se ao “infinito desejo” de Deus pelos seres humanos; em outra, afirma, com Dionísio, que Deus “tem sede de que tenham sede dele, deseja ser desejado e ama ser amado”. Essa linguagem ousada não indica qualquer falta em Deus: para Máximo, ela nasce, ao contrário, da superabundância de sua bondade.

Aqui já não estamos mais no mito de Psiquê. Estamos diante de outra história: a história cristã de um Deus que não espera simplesmente que a humanidade encontre o caminho até Ele, mas vem ao seu encontro. E é justamente por isso que a velha narrativa ainda pode nos tocar. Não porque esconda antecipadamente o Evangelho, mas porque reconhece algo profundamente humano: a alma deseja amar e ser amada; procura, perde, sofre, recomeça — e acaba descobrindo que nem tudo pode ser conquistado ou possuído.

Psiquê acendeu uma lâmpada porque queria ver o Amor. Depois precisou percorrer um longo caminho para compreender que o Amor não era algo que pudesse simplesmente segurar entre as mãos. E a pergunta deixada por essa antiga história parece ser suficiente para nós: quando buscamos o amor — humano ou divino — desejamos realmente encontrá-lo ou desejamos torná-lo uma coisa que possamos controlar?

Porque há mistérios diante dos quais a lâmpada ilumina. E há outros diante dos quais precisamos aprender a confiar.

Referências

MÁXIMO, O CONFESSOR. Ambigua ad Thomam, 5,31 (PG 91, 1050). Sobre o “infinito desejo” (ἀείρω πόθω) de Deus pelos seres humanos como expressão de seu amor manifestado na Encarnação. MÁXIMO, O CONFESSOR. Ambiguum 23 (PG 91, 1257–1261). Desenvolvendo a linguagem de Dionísio Areopagita acerca do eros divino, Máximo afirma que Deus “tem sede de que tenham sede dele, deseja ser desejado e ama ser amado”. DIONÍSIO AREOPAGITA. Dos Nomes Divinos, IV, especialmente §§10–14. Fonte fundamental para a linguagem cristã do eros divino retomada por São Máximo.



28 DE OUTUBRO:

O DIA EM QUE A GRÉCIA DISSE ‘NÃO’

No dia 28 de outubro de 1940, a Grécia recebeu um ultimato da Itália fascista; permitir a ocupação de seu território. A resposta do então Primeiro-Ministro Ioannis Metaxas foi firme e histórica: «OXI — NÃO».

Com essa palavra, um povo inteiro se levantou em defesa da liberdade, da dignidade e da pátria.

Que o exemplo do Dia do OXI nos inspire a dizer ‘não’ ao que nos afasta de Deus e “sim” à verdade, à fé e ao bem.

Seguiu-se uma das páginas mais gloriosas da história grega: a resistência nas montanhas da Albânia, o espírito de unidade e a coragem de um povo pequeno, mas guiado por uma fé inabalável.

Os gregos atribuem essa vitória não apenas à bravura de seus soldados, mas sobretudo à Santa Proteção da Theotokos, Mãe de Deus, que envolve a nação com seu manto e fortaleceu os corações diante de toda adversidade.

OXI

*O ultimato de 1940, a resistência grega
e a Santa Proteção da Theotokos*

28 DE OUTUBRO: O DIA EM QUE A GRÉCIA DISSE “NÃO”

O ULTIMATO DE 1940, A RESISTÊNCIA GREGA E A SANTA PROTEÇÃO DA THEOTOKOS

Todos os anos, no dia 28 de outubro, a Grécia se cobre de azul e branco. Bandeiras aparecem nas casas e edifícios públicos, estudantes participam de desfiles, realizam-se cerimônias cívicas e religiosas e uma palavra de apenas três letras volta a ocupar lugar de destaque: **OXI** — OXI — NÃO.

Para compreender a força dessa palavra é preciso retornar à madrugada de 28 de outubro de 1940.

A Segunda Guerra Mundial já devastava a Europa. A Grécia procurava preservar sua neutralidade, embora as relações com a Itália de Benito Mussolini se tornassem cada vez mais tensas. Dois meses antes, em 15 de agosto, o cruzador grego Elli havia sido torpedeado durante as celebrações da Dormição da Theotokos na ilha de Tinos.

Às três horas da madrugada de 28 de outubro, o embaixador italiano em Atenas, Emanuele Grazzi, chegou à residência do primeiro-ministro grego Ioannis Metaxas, em Kifissia. Levava um ultimato do governo italiano: a Grécia deveria permitir a entrada de tropas italianas e a ocupação de pontos estratégicos de seu território.

Metaxas recusou.

A memória popular condensaria aquela resposta numa única palavra: **OXI**. Historicamente, porém, a frase atribuída a Metaxas foi pronunciada em francês, língua diplomática utilizada pelos dois interlocutores:

«Alors, c'est la guerre.»

“Então, é a guerra.”

A distinção é importante. O OXI que entrou para a história não precisa ser entendido como a transcrição literal de uma palavra pronunciada naquela sala. Tornou-se a expressão pela qual os gregos resumiram a recusa do ultimato e a decisão de resistir.

Poucas horas depois, a guerra já havia começado. Às 5h30, antes mesmo de expirar o prazo estabelecido pelo ultimato, tropas italianas vindas da Albânia, então ocupada pela Itália, atacaram posições gregas na fronteira. A mobilização geral foi iniciada e a Grécia entrou formalmente na Segunda Guerra Mundial.

De uma resposta política a uma memória nacional

Ioannis Metaxas governava a Grécia desde 1936 à frente do chamado Regime de 4 de Agosto, de caráter ditatorial e autoritário, com o Parlamento suspenso e severas restrições às liberdades políticas. Esse contexto é indispensável para compreender historicamente o personagem, sem confundir a natureza de seu governo com o significado que o 28 de Outubro adquiriria para a população grega.

O OXI rapidamente ultrapassou a figura de Metaxas.

Homens partiram para a frente de batalha; mulheres participaram do esforço de abastecimento e transporte nas regiões montanhosas; cidades e aldeias mobilizaram-se. O avanço italiano encontrou forte resistência e as forças gregas passaram à contraofensiva na frente albanesa. A guerra continuaria em condições duríssimas durante o inverno de 1940–1941. Em abril de 1941, a intervenção alemã alteraria decisivamente o curso da campanha, conduzindo à ocupação da Grécia.

Por isso, o Dia do Oxi permaneceu na memória grega como recordação de uma decisão coletiva de resistência diante da invasão. A palavra pequena adquiriu uma dimensão muito maior que a circunstância diplomática que lhe deu origem.

SOB A PROTEÇÃO DA THEOTOKOS

Há, contudo, uma particularidade do **28 de Outubro** que permite compreender algo ainda mais profundo da experiência grega daquele período. Na memória religiosa dos combatentes e de suas famílias, a **Theotokos** ocupou um lugar marcante durante a **guerra de 1940**. Relatos e tradições provenientes da frente associaram sua presença e proteção aos soldados que enfrentavam o inverno e os combates nas montanhas.

Essa memória acabaria inscrita no próprio calendário litúrgico da Igreja da Grécia.

A festa da Santa Proteção da Santíssima Theotokos — **Ἀγία Σκέπη τῆς Ὑπεραγίας Θεοτόκου** — recorda a antiga tradição da aparição da Mãe de Deus na igreja das **Blachernas**, em **Constantinopla**, estendendo seu véu protetor sobre os fiéis.

Tradicionalmente celebrada em **1º de outubro**, a festa recebeu na Grécia uma data particular. **Em 1952, por proposta do Arcebispo Spyridon de Atenas, o Santo Sínodo da Igreja da Grécia transferiu sua celebração para 28 de outubro, unindo-a à memória nacional de 1940.** A publicação oficial da Igreja da Grécia explica que a decisão permitia ao povo grego elevar nesse dia sua ação de graças à Theotokos pela proteção experimentada durante as provações da Segunda Guerra Mundial.

A própria **acolítia** celebrada nesse dia foi composta pelo conhecido **hinógrafo athonita monge Gerasimos Mikragiannanitis** e aprovada pelo Santo Sínodo em 21 de outubro de 1952. Enavasi

Assim, na experiência grega, o 28 de Outubro passou a reunir duas memórias diferentes e profundamente entrelaçadas: a memória histórica da resistência e a memória litúrgica da proteção.

UMA PALAVRA QUE PERMANECE

Passadas mais de oito décadas, o **OXI** continua presente nas ruas, nas escolas, nas igrejas e na memória das famílias gregas.

Celebrar o 28 de Outubro não significa ignorar a complexidade política da Grécia de 1940 nem transformar a guerra em objeto de exaltação. Significa recordar um momento preciso em que o país se viu diante da exigência de abrir suas fronteiras e submeter parte de seu território a uma potência estrangeira — e recusou.

Por isso, todos os anos, reaparece a mesma palavra: **OXI**. Um “não” pronunciado pela história e assumido pela memória de um povo.

E, no mesmo dia, a Igreja ergue os olhos para outra imagem: a **Theotokos que estende sua Santa Proteção sobre aqueles que a ela recorrem.**



Palavras da Tradição



Um glossário com a linguagem da nossa Fé Ortodoxa

GLOSSARY

PALAVRAS QUE ATRAVESSAM AS PÁGINAS DESTA EDIÇÃO E AJUDAM A CONHECER A FÉ, A CULTURA E A TRADIÇÃO GREGAS.

1. ΦΑΝΕΡΩΜΕΝΗ — FANEROMÉNI — A QUE SE MANIFESTOU

Do verbo grego faneróno, “manifestar, revelar, tornar visível”. É uma invocação da Panagía encontrada em diferentes lugares da Grécia e especialmente ligada a Lefkada, onde a Panagía Faneroméni é padroeira e protetora da ilha. O histórico Mosteiro da Faneroméni conserva a tradição segundo a qual a imagem da Mãe de Deus teria sido miraculosamente revelada ao iconógrafo encarregado de representá-la.

2. ΠΑΝΑΓΙΑ — PANAGÍA — TODA SANTA

ma das formas mais queridas de os gregos se referirem à Mãe de Deus. Significa literalmente “Toda Santa” e aparece frequentemente na linguagem cotidiana, na oração e nos nomes de igrejas e santuários dedicados à Theotokos.

3. ΑΓΙΑ ΣΚΕΠΗ — AGÍA SKÉPI — SANTA PROTEÇÃO

Sképi significa proteção, cobertura, amparo. A festa recorda a Theotokos estendendo seu véu sobre os fiéis na igreja das Blachernas. Na Igreja da Grécia, sua celebração está especialmente associada ao dia 28 de outubro.

4. ΟΧΙ — OXI — NÃO

A palavra que se tornou símbolo da recusa grega ao ultimato italiano de 28 de outubro de 1940. A tradição popular condensou nela a decisão de resistir à invasão, fazendo do OXI uma das grandes referências da memória nacional grega.

5. ΜΝΗΜΗ — MNÍMI — MEMÓRIA

Na tradição da Igreja, memória é mais que recordação do passado. É conservar vivos diante de Deus aqueles e aquilo que recebemos. Nesta edição, ela une os imigrantes gregos, os pioneiros da comunidade, Kastellórizo, os onomásticos e as histórias transmitidas entre gerações.

6. ΕΡΩΣ — ÉROS — AMOR, DESEJO

Na língua e na cultura gregas, éros designa o amor marcado pelo desejo e pela atração. Na tradição cristã grega, a palavra também foi empregada para falar do desejo ardente de Deus e da força pela qual a pessoa se volta para Ele. Nesta edição, aparece no antigo mito de Éros e Psyché e na reflexão que dele nasce sobre amor, desejo e liberdade.

7. ΨΥΧΗ — PSYCHÉ — ALMA

Psyché significa “alma” e está na origem de palavras como “psique” e “psicologia”. No mito grego, Psyché é também o nome da jovem cuja história com Éros atravessa provas, perdas e reencontros. A coincidência entre o nome da personagem e a palavra “alma” favoreceu, ao longo dos séculos, numerosas leituras filosóficas e literárias do relato.

8. ΚΟΥΛΟΥΡΑ — KOULOÚRA — ROSCA, PÃO EM FORMA DE ANEL

Palavra usada para diferentes tipos de pães e roscas na tradição grega. Nos costumes matrimoniais de Kastellórizo apresentados nesta edição, a kouloura era preparada durante a semana do casamento e distribuída entre parentes e conhecidos, funcionando também como convite para a celebração.

8. ΠΡΟΞΕΝΗΤΡΑ — PROXENÍTRA — CASAMENTEIRA

Figura tradicional que intermediava aproximações e conversas entre famílias com vistas ao casamento. No relato dos antigos costumes de Kastellórizo publicado nesta edição, a proxenitra aparece participando das tratativas que podiam conduzir à formação de uma nova família.



DOM IRINEO CELEBRA COM A COMUNIDADE SÃO NICOLAU

6 DE SETEMBRO DE 2026

A comunidade São Nicolau recebeu Dom Irineo de Tropaion, Bispo Auxiliar para o Sul do Brasil da Sacra Arquidiocese Ortodoxa Grega, que presidiu a Divina Liturgia, com a assistência do Arquimandrita Mons. André Sperandio.

Na homilia, a partir da Parábola do Banquete de Núpcias, Dom Irineo recordou que a Igreja pertence a Cristo e que o chamado de Deus à comunhão implica também transformação da vida e o compromisso de “*revestir-se de Cristo*”. Destacou ainda a Eucaristia como centro da vida cristã e confiou a comunidade à intercessão da Theotokos.

Após a celebração, Pe. André presidiu o Ofício da Artoklasia, oferecido por Máximo e Beatriz, com a pequena Emília, em ação de graças.

[Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org](http://igrejasaonicolau.org)





EXALTAÇÃO DA SANTA E VIVIFICANTE CRUZ

13 DE SETEMBRO DE 2026

Antecipando a celebração da Exaltação da Santa e Vivificante Cruz, a comunidade São Nicolau reuniu-se para o *Orthros*, o Ofício de Veneração da Cruz e a Divina Liturgia, presididos pelo Arquimandrita Mons. André Sperandio.

No centro da celebração, a Cruz foi apresentada à veneração dos fiéis como sinal da vitória de Cristo sobre a morte e expressão do amor de Deus que conduz à Ressurreição.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





DOMINGO APÓS A SANTA CRUZ

20 DE SETEMBRO DE 2026

No Domingo após a Festa da Santa e Vivificante Cruz, a comunidade reuniu-se para a Divina Liturgia, presidida pelo Arquimandrita Mons. André Sperandio. Em sua homilia, Pe. André recordou que a Cruz não pode ser separada da Ressurreição: em Cristo, o sinal do sofrimento e da morte torna-se sinal de vitória e vida nova.

A reflexão destacou ainda o chamado a permanecer junto a Cristo e a confiar em Deus mesmo quando não conseguimos compreender plenamente aquilo que Ele prepara.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





JOVENS INICIAM PERCURSO DE FORMAÇÃO

19 DE SETEMBRO DE 2026

Cerca de 20 jovens reuniram-se no salão paroquial para um encontro de catequese e espiritualidade, conduzido por Dionysios, jovem da comunidade. Com o tema “As raízes bíblicas e a instituição da Confissão”, a formação percorreu a Sagrada Escritura e a tradição dos Padres da Igreja, apresentando o Sacramento da Confissão como caminho de reconciliação, cura e retorno à comunhão com Deus.

O encontro contou ainda com a presença do **Prof. Dr. Paul Carlton Gailey e Paola Tomaselli, amigos da comunidade e residentes na Itália**, que ao final participaram de uma conversa com os jovens, respondendo a perguntas e compartilhando experiências.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





PARÁKLESIS NA CAPELA SANTA CATARINA DE ALEXANDRIA

25 DE SETEMBRO DE 2026

Na tarde de sexta-feira, a Capela Santa Catarina de Alexandria acolheu mais uma celebração mensal do **Ofício de Paráklesis à Santa Grande Mártir Catarina**, presidida pelo Arquimandrita Mons. André Sperandio.

A celebração reuniu especialmente jovens fiéis para um momento de oração e súplica, dando continuidade à presença regular da comunidade ortodoxa na Capela e à veneração de Santa Catarina de Alexandria, sua padroeira.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL EM CONVERSA COM OS JOVENS

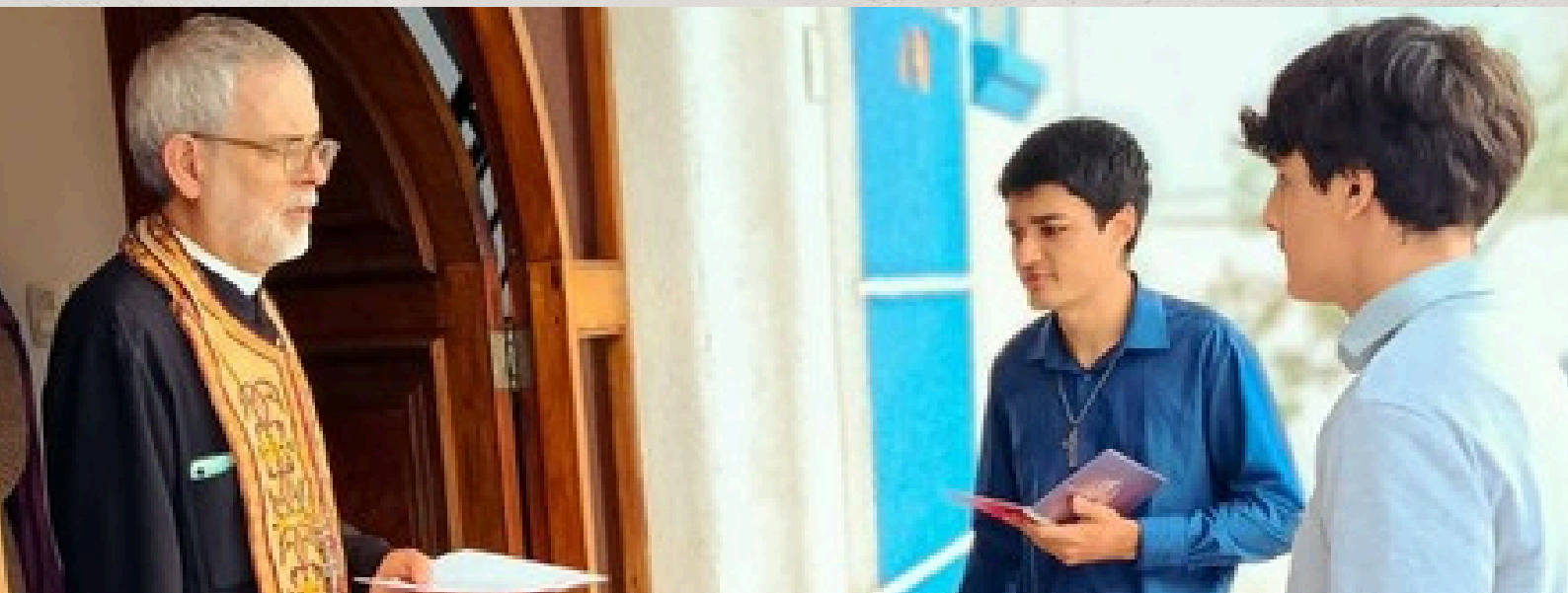
26 DE SETEMBRO DE 2026

Nossos jovens participaram de um encontro especial com o **Prof. Dr. Paul Carlton Gailey e Paola Tomaselli**, amigos da comunidade e residentes na Itália. Paul apresentou um percurso desde os primeiros computadores até o desenvolvimento da inteligência artificial (IA) e as perspectivas para os próximos anos, com tradução simultânea de Paola.

Após a exposição, os jovens puderam fazer perguntas e conversar sobre as transformações trazidas pelas novas tecnologias. A tarde foi concluída na igreja com a celebração das Vésperas da Dormição de São João, o Evangelista e Teólogo.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





LORENZO É RECEBIDO NA PLENA COMUNHÃO DA IGREJA PELA UNÇÃO CRISMAL

27 DE SETEMBRO DE 2026

Antes do início da Divina Liturgia, a comunidade São Nicolau acolheu **Lorenzo** na vida sacramental da Igreja Ortodoxa, por meio da santa Unção Crismal. Acompanhado por seu **padrinho, Gabriel**, recebeu o nome cristão **Agostinho de Hipona**, doravante, seu santo onomástico.

A recepção marcou sua plena integração à comunidade e uma nova etapa de sua caminhada de fé e participação na vida da Igreja. Em seguida, Lorenzo tomou parte com a comunidade na celebração da Divina Liturgia, recebendo sua primeira Eucaristia na Igreja Ortodoxa.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org



“POR TUA PALAVRA, LANÇAREI AS REDES”

27 DE SETEMBRO DE 2026

A comunidade reuniu-se para a Divina Liturgia dominical, presidida pelo Arquimandrita Mons. André Sperandio. A partir do Evangelho da Pesca Milagrosa (Lc 5,1-11), a homilia tomou como centro a resposta de Pedro a Cristo: “*Por tua palavra, lançarei as redes.*”

A passagem recordou à comunidade que a iniciativa da salvação pertence a Deus e encontra a resposta livre do ser humano, chamado a confiar e cooperar com a graça, mesmo quando as circunstâncias parecem apontar em outra direção.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





VITÓRIA E GABRIEL RECEBEM BÊNÇÃO DE COMPROMISSO DE NAMORO

27 DE SETEMBRO DE 2026

Ao final da Divina Liturgia, **Vitória e Gabriel** receberam uma bênção especial por ocasião da entrega do anel de compromisso, após **dois meses de namoro**. O momento foi vivido diante da comunidade, que se uniu ao jovem casal na alegria e na oração por esta etapa de sua caminhada.

Leia a notícia completa: igrejasaonicolau.org





Associação Helênica de Santa Catarina (AHSC)



FESTA 03 • OUTUBRO • 2026 GREGA

UMA TARDE À MESA, ENTRE AMIGOS, COM OS
SABORES, A MÚSICA E AS TRADIÇÕES DA GRÉCIA.

CELEBRANDO O
DIA DO EMIGRANTE GREGO



GASTRONOMIA • MÚSICA • DANÇA • TRADIÇÃO

SÁBADO • 3 DE OUTUBRO • 12H-18H

ASSEFESC • FLORIANÓPOLIS • SC

INGRESSO R\$ 140 • ALMOÇO INCLUSO

Bebidas, café e doces à parte.

Informações e ingressos • (48) 9619-7703 • @helenica.sc

ASSOCIAÇÃO HELÊNICA DE SANTA CATARINA

As nossas raízes, um futuro em comum.

PIONEIROS

CAPITÃO SAVAS

**CEM ANOS DE UMA MEMÓRIA
QUE PERMANECE**



Em 2 de outubro de 1926, falecia em Florianópolis Savas Nicolau Savas. Marinheiro de Kastellórizo, comerciante, proprietário rural e representante consular, sua trajetória confunde-se com as origens da presença grega organizada em Santa Catarina. Cem anos depois, sua memória permanece inscrita na comunidade que ajudou a formar.

No dia 2 de outubro de 1926, Florianópolis se despedia de uma das figuras mais marcantes dos primeiros tempos da presença grega em Santa Catarina. Os funerais de Savas Nicolau Savas reuniram membros da colônia helênica, representantes do comércio e autoridades públicas. Entre sua chegada à Ilha de Santa Catarina, em 1883, e sua morte, quarenta e três anos depois, o Capitão Savas ajudou a abrir caminhos pelos quais chegariam pessoas e famílias que formariam a comunidade grega de Florianópolis.

Savas Nicolau Savas nasceu em Kastellórizo, em 1858, filho de Nicolau e Eudoquia Savas. Pesquisa publicada na Grécia por Manolis Kassotis fornece uma data mais precisa — 6 de março daquele ano —, informação que encontra um interessante indício de confirmação na imprensa catarinense: em 6 de março de 1918, o jornal O Dia, de Florianópolis, registrava entre os aniversariantes “o sr. Savas Nicolau Savas”. Entre seus irmãos estavam Miguel e Estefano, além de Anastácia, que se casaria com o médico Constantino Spyrides, e Kyrana, esposa de Theodócio Atherino. Essa rede familiar teria papel importante na história que posteriormente ligaria Kastellórizo a Desterro.

Numa ilha cuja vida estava profundamente vinculada ao mar, Savas fez da navegação seu ofício. Segundo a mesma pesquisa grega, teria estudado na Escola Náutica de Siros e recebido diploma de capitão em 31 de agosto de 1878. Alguns anos depois aparece ligado à Lefkí Peristerá — a “Pomba Branca” —, embarcação que a memória da imigração grega em Florianópolis associa às primeiras viagens que trouxeram kastellorizinos ao sul do Brasil. Kassotis acrescenta que o veleiro teria sido registrado em Hidra em 18 de fevereiro de 1882. São informações que ainda aguardam confronto com os registros marítimos gregos originais, mas que ampliam o conhecimento sobre a formação e a experiência náutica do Capitão Savas.

A mesma fonte descreve uma longa viagem iniciada em Brindisi, na Itália, em fevereiro de 1883. A Lefkí Peristerá teria atravessado o Mediterrâneo, acompanhado a costa africana, alcançado Cabo Verde e, aproveitando ventos e correntes do Atlântico, chegado à América do Sul. Depois de alcançar Montevidéu, a viagem prosseguiria e, no retorno, Savas atravessaria novamente o Atlântico, passando por Londres e por portos europeus antes de regressar a Kastellórizo em 1884. Alguns detalhes dessa cronologia diferem da tradição documental conservada pela comunidade grega de Florianópolis e, por isso, ainda exigem investigação. Permanece como marco histórico da coletividade helênica catarinense o dia 21 de setembro de 1883, associado à chegada do Capitão Savas à Ilha de Santa Catarina — data que, desde 2024, possui também dimensão nacional como Dia Nacional do Imigrante Grego.





Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis

A paisagem de Desterro apresentava a um marinheiro vindo de uma pequena ilha mediterrânea uma realidade que lhe era familiar: uma cidade insular, voltada para o mar, ligada ao continente por embarcações e dependente de seus caminhos marítimos. A tradição preservada pela comunidade conta que Savas se afeiçoou ao lugar e percebeu ali possibilidades para uma nova vida. Depois de novas viagens entre a Europa e a América do Sul, estabeleceu-se definitivamente em Desterro no final da década de 1880, trazendo consigo membros de sua família e contribuindo para a formação do primeiro núcleo de imigrantes gregos.

A pesquisa grega menciona outras embarcações ligadas às suas atividades marítimas e registra a aquisição, em 1896, do vapor Aida. A documentação histórica preservada em Florianópolis associa esse vapor à implantação, naquele mesmo ano, de um serviço de navegação entre Florianópolis, Coqueiros e São José. Sua atuação acompanhava, assim, as transformações dos transportes marítimos na região.

Sua inserção na sociedade catarinense não se limitou aos negócios. Documentos da época o identificam como representante consular da República Argentina em Florianópolis. Um registro da imprensa catarinense de 1910 menciona “D. Elfridia Savas, esposa do sr. Savas Nicolau Savas, consul da Republica Argentina”,



Em 1890, Estefano Savas, Agapito Iconomos e Nicolau Tzelikis já se encontravam em Desterro, alguns deles comandando embarcações ligadas às atividades de Savas. Em torno dessas viagens formou-se progressivamente uma rede migratória. Familiares, marinheiros, conhecidos e conterrâneos passaram a encontrar na Ilha de Santa Catarina um novo lugar onde viver e trabalhar.

Com o passar dos anos, Savas tornou-se conhecido na vida econômica da cidade. Atuou no comércio, na navegação e em atividades agropecuárias, mantendo relações comerciais com outros portos brasileiros e com cidades do Rio da Prata, especialmente Montevideu e Buenos Aires.

oferecendo uma confirmação contemporânea de sua função consular e também o nome de sua esposa. Outros registros oficiais mostram Savas em contato com autoridades, comerciantes e personalidades da vida pública catarinense.

Essa presença aparece também em documentação relacionada aos acontecimentos políticos que marcaram Santa Catarina no final do século XIX. Registros judiciais relativos aos episódios de Anhatomirim conservam depoimento de Savas Nicolau Savas e revelam seu contato com personagens envolvidos na vida pública daquele período. O documento permite perceber o grau de integração alcançado por ele na sociedade catarinense poucos anos depois de sua chegada.



Os Pioneiros

Memórias da presença grega
em Florianópolis

Também as atividades rurais fizeram parte de sua trajetória. Documentação do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina registra, em 30 de abril de 1924, propriedade em nome de Savas Nicolau Savas na Fazenda Tabuleiro. A tradição familiar e comunitária associa suas propriedades às atividades agropecuárias desenvolvidas no continente e recorda o nome “Parnaso” para uma dessas áreas. Alguns pormenores relativos à extensão e à denominação dessas terras ainda merecem confronto com os documentos originais, mas sua condição de proprietário rural encontra respaldo documental.

A atuação de Savas esteve igualmente ligada à chegada de novos imigrantes. Segundo a memória histórica da comunidade, em 1912 cerca de trinta famílias de Kastellórizo vieram para Santa Catarina a seu convite, encontrando trabalho em suas atividades e propriedades, especialmente nas regiões de Serraria e Massiambu. A mesma informação reaparece na pesquisa grega sobre sua trajetória, mostrando a persistência desse registro em fontes produzidas nos dois lados do Atlântico. A partir dessas sucessivas chegadas, a presença grega em Florianópolis adquiriu uma configuração cada vez mais familiar e comunitária.

Com essas famílias chegaram sobrenomes que se tornariam parte da história de Florianópolis. Vieram também a língua, os costumes, as formas de convivência, a culinária e a fé cristã ortodoxa recebida dos antepassados. As famílias conservaram vínculos com Kastellórizo e transmitiram às novas gerações referências culturais e religiosas trazidas da ilha.

O crescimento da comunidade levou à criação de formas próprias de organização. Em 1920 surgiu a primeira entidade civil organizada, a Irmandade Greco-Orthodoxa São Constantino. Sua existência demonstra que, naquela altura, os imigrantes e seus descendentes já procuravam estruturar a vida comunitária, preservar a fé, auxiliar os conterrâneos e assegurar a continuidade de suas tradições.

Quando Savas Nicolau Savas faleceu, em 2 de outubro de 1926, essa comunidade já estava consolidada. Segundo os registros preservados, morreu em Florianópolis, na residência de seu sobrinho Miguel Atherino. Seus funerais reuniram representantes do Governo, membros da colônia grega, comerciantes e diferentes setores da sociedade catarinense. A participação de autoridades e representantes da vida econômica local evidência a projeção pública que havia alcançado.

A documentação brasileira indica que o governo de Adolfo Konder esteve representado no funeral por Abelardo da Fonseca. Dias depois, em 9 de outubro, Victor Konder, então secretário de Estado, manifestou publicamente em Blumenau o pesar pela morte de Savas, recordando sua contribuição para o desenvolvimento catarinense. Os dois registros testemunham a repercussão de sua morte para além dos limites da coletividade grega.



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis

Nos anos seguintes, a comunidade continuaria o processo de organização iniciado durante sua vida. Em 1936 seria constituída a Irmandade Greco-Ortodoxa São Nicolau e começaria uma nova etapa na história da presença ortodoxa em Florianópolis. Décadas depois, a Igreja São Nicolau se tornaria uma referência visível dessa continuidade. A comunidade formada pelas primeiras famílias de imigrantes possuía então instituições capazes de preservar sua fé e sua memória.

Cem anos depois de sua morte, recordar o Capitão Savas significa voltar às origens da presença grega organizada em Santa Catarina. Seu nome permanece ligado às famílias que aqui se estabeleceram, à formação da comunidade helênica catarinense, às instituições que dela nasceram e à história da Igreja Ortodoxa São Nicolau.

Há também uma continuidade significativa na própria data preservada pela comunidade como marco de sua chegada. O dia 21 de setembro, associado à presença de Savas na Ilha de Santa Catarina em 1883, tornou-se, mais de um século depois, o Dia Nacional do Imigrante Grego.

A trajetória iniciada em Kastellórizo atravessou o Atlântico e encontrou em Florianópolis uma nova terra. Seus frutos permanecem na memória das famílias, na história da comunidade e nas instituições que chegaram aos nossos dias.

Cem anos depois de seu falecimento, recordamos Savas Nicolau Savas e a geração de pioneiros da qual fez parte.

Que sua memória seja eterna!



CONTOS &
NARRATIVAS
DE KASTELLORIZO

A SOMBRINHA
VERMELHA

(Η κόκκινη ομπρέλα)

Christina Efstratiadou



A SOMBRINHA VERMELHA

(Η κόκκινη ομπρέλα)

Era dia de Santo André. Como o frio apertava, o capitão convidou a casamenteira para entrar em sua cabine, tomar um chá e se aquecer. Mas havia outro motivo para a conversa: o tempo passava e era preciso tratar do casamento da filha.

Naqueles tempos, as coisas seguiam seu curso e seus costumes. E, para isso, havia a casamenteira — uma viúva que conhecia bem o capitão e era conhecida de todos.

Na casa dele já preparavam as coroas para o casamento da primeira filha. A moça tinha apenas dezessete anos, mas era preciso encontrar-lhe marido. O capitão não queria demora.

— Mais um ano, no máximo — dizia ele, batendo com a mão na cintura, onde trazia preso o cinto.

A casamenteira sabia onde procurar. Havia moças nas famílias de Giorgios, de Viktoria e de Napoleonia. Conversa daqui, entendimento dali, e as providências começaram.

Decidiram celebrar o casamento em abril, depois da Páscoa. A família da noiva precisava de tempo para caiar e preparar a casa. O próprio capitão gostava de participar dos trabalhos, mexer nas tintas e acompanhar cada detalhe.

Os preparativos eram muitos.

Para o enxoval e para a cerimônia, tudo deveria estar pronto. O capitão trouxera de Alexandria os tecidos e adornos necessários e não faltavam nem mesmo as franjas para o fez. Tudo havia sido escolhido por ele. Queria apresentar a filha com dignidade quando, vestida de noiva, entrasse na bela igreja de São Constantino.

Na outra casa, a mãe do noivo abria os baús e retirava os presentes preparados para os parentes da noiva. À mãe, aos irmãos e às irmãs caberiam diferentes lembranças: tecidos, toalhas, meias feitas à mão, gorros e outras peças escolhidas para a ocasião.

Durante a semana do casamento começavam também os preparativos da **kouloura**, o grande pão festivo. Faziam-se muitas roscas e pães, grandes e pequenos, que seriam levados de casa em casa. A própria **kouloura** servia de convite: recebê-la significava saber que a família esperava sua presença no casamento.

À medida que o domingo se aproximava, a mãe da noiva precisava ainda preparar doces suficientes e o pão aromático destinado ao banho ritual da jovem. Fazia quase tudo sozinha, pois a filha, tomada pela emoção, pouco conseguia ajudar.

Chegara a hora do casamento, a hora de sua alegria.

Na manhã do sábado, crianças e adolescentes eram enviados às montanhas para colher ervas e plantas aromáticas. Era um costume transmitido de geração em geração. Que planta, entre tantas, seria a erva própria do amor? Quem poderia dizer?

Voltavam no sábado à noite trazendo os ramos, que eram espalhados pelo quarto onde seria preparada a noiva. O perfume das ervas enchia a casa. Ali se reuniam parentes e amigas, e começavam os antigos cantos nupciais:

“ Das ervas, primeiro cairei,
cairei para morrer.
Ao amor que encontrei,
entreguem-me, por Deus.

E logo outro canto respondia:

“ Pequena rosa branca,
rainha entre as flores,
quem despertou o amor
para que também eu o negasse?



No domingo pela manhã, a noiva esperava junto à janela. As mulheres da família do noivo chegariam cantando enquanto se aproximavam da casa:

“ *Vimos buscá-la,
a bem-amada,
a filha querida de sua mãe,
a formosa.* ”

Os parentes da noiva respondiam com seus próprios versos. Entre uma casa e outra, o casamento já começava antes mesmo da igreja: cantava-se de um lado, respondia-se do outro, numa antiga troca de versos, votos e brincadeiras.

Na casa do noivo também havia música. Violino e daouli acompanhavam sua saída, enquanto os parentes o conduziam até o lugar onde os dois cortejos se encontrariam. Dali seguiriam todos juntos para a igreja.

O caminho passava pelos campos antes de alcançar a Panagía. Acompanhada por suas amigas, a noiva seguia para o casamento.

Foi então que aconteceu o imprevisto.

Um dos sapatos da jovem rasgou-se. O pequeno apoio do salto se soltou, e ela, aflita, contou o ocorrido à madrinha.

— Não se preocupe — respondeu a mulher. — Eu a farei passar.

Abriu a sombrinha vermelha, segurou-a de modo a esconder discretamente a noiva e, enquanto caminhavam, procurava ajudá-la a seguir apesar do sapato quebrado. Com um alfinete, tentou prendê-lo como pôde.

— Ah, bendito seja aquele que inventou esta sombrinha vermelha! — exclamou.

E a noiva conseguiu chegar à igreja.

— Ninguém percebeu nada — disse a madrinha. — Apenas deixe cair um pouco o véu sobre a cabeça, minha filha.

Apesar do contratempo, a cerimônia transcorreu como devia. Somente depois, quando o episódio foi contado, os convidados riram — e algumas mulheres casadas, recordando provavelmente os próprios dias de noiva, coraram discretamente.

Ao saírem da igreja, o fotógrafo os esperava nos degraus de São Constantino. Os recém-casados posaram para a fotografia, cercados pelos parentes. Meninas seguravam grandes lanternas, conforme o costume da época, compondo a cena.

Era preciso tomar cuidado: se alguma das meninas da família do noivo passasse inadvertidamente diante do casal no momento da fotografia, diziam que poderia “roubar” a sorte da noiva.

Depois todos desceram para a casa da mãe do noivo. Ali os aguardava uma mesa farta, preparada para receber os convidados e a nova integrante da família.

Mais tarde, a noiva apareceu novamente à janela. Sobre o vestido trazia um grande lenço branco de seda, cheio de confeitos. Com as próprias mãos, distribuía-os àqueles que se aproximavam para cumprimentá-la e desejar ao casal:

— Boa sorte e uma união firme!

COSTUMES DE UM CASAMENTO EM KASTELLÓRIZO

Da proxenitra à kouloura: gestos que envolviam toda a comunidade

Em Kastellórizo, o casamento começava muito antes da cerimônia na igreja. A narrativa de A sombrinha vermelha conserva diversos costumes que acompanhavam a formação de uma nova família e envolviam parentes, vizinhos, crianças e jovens. Preparar um casamento significava mobilizar duas casas e, ao redor delas, boa parte da comunidade.

Entre as figuras desse processo estava a proxenitra (προξενίτρα), a casamenteira. Conhecedora das famílias e de suas relações, ela participava das conversas que podiam conduzir à escolha de um casamento. No conto, é a ela que o capitão recorre quando chega o momento de procurar marido para a filha.



Depois do acordo entre as famílias, começavam os preparativos. Tecidos, roupas, toalhas, meias feitas à mão e outros presentes eram separados para os parentes. A casa precisava estar pronta, assim como o enxoval e tudo aquilo que acompanharia a noiva em sua nova vida.

Um dos elementos mais interessantes era a kouloura (κουλούρα), o pão festivo preparado durante a semana do casamento. As roscas eram distribuídas entre parentes e conhecidos e cumpriam também a função de convite. Receber a kouloura significava ser chamado a participar da celebração. O alimento, portanto, entrava na própria linguagem social do casamento.

Na manhã do sábado, crianças e jovens subiam às montanhas para colher ervas e plantas aromáticas. À noite, os ramos eram espalhados no quarto onde a noiva seria preparada. Ali se reuniam parentes e amigas, enquanto antigos cantos nupciais acompanhavam os últimos preparativos. O casamento era também cantado: versos de amor, despedida e votos de felicidade passavam de uma geração a outra pela memória das mulheres.

No domingo, os cantos acompanhavam a aproximação da família do noivo. Uma casa cantava; a outra respondia. Antes de partir, a noiva recebia a bênção dos pais e se despedia da casa paterna. O noivo, por sua vez, saía acompanhado por parentes e músicos. O violino e o daouli (νταούλι), grande tambor tradicional, marcavam o cortejo.

Os dois grupos se encontravam e seguiam juntos para a igreja. A narrativa menciona a Panagía e a igreja de São Constantino, inserindo a celebração matrimonial na geografia religiosa da ilha. Depois da cerimônia, vinha a fotografia nos degraus da igreja, cercada também de pequenas crenças e cuidados transmitidos pela tradição.



A festa continuava na casa da família do noivo. Ali a nova esposa era recebida e, mais tarde, aparecia à janela trazendo num grande lenço branco de seda os doces que distribuía aos convidados. A saudação dirigida aos recém-casados encerrava o ciclo de gestos iniciado muitos dias antes:

Boa sorte e uma união firme!

Em A sombrinha vermelha, esses costumes aparecem sem intenção de formar um inventário. Surgem naturalmente enquanto a história avança: o pão que convida, as ervas trazidas da montanha, os cantos entre as casas, a música, a bênção dos pais, o caminho para a igreja e os doces oferecidos depois do casamento. É justamente essa naturalidade que torna a narrativa um registro precioso da vida cotidiana de Kastellórizo.

Fonte — EFSTRATIADOU, Christina D. “Η κόκκινη ομπρέλα” [A sombrinha vermelha]. In: Αφηγήματα και ιστορήματα του Καστελλορίζου [Narrativas e histórias de Kastellórizo]. Livro B, série Biblioteca Kastelloriziana, n. 4. Atenas: Sigma EPE, 1987, p. 40–43. Edição da Associação dos Kastellorizianos de Todo o Mundo “São Constantino”. Tradução do grego e adaptação editorial para o Kaló Mina.

Referência bibliográfica: [registro da obra no Palaiovivliopoleío Níkos Chrysós](#).



Sabores gregos para compartilhar

Spanakópita & Amygdalotá

Do espinafre com feta às delicadas amêndoas, dois clássicos muito queridos da cozinha grega

Há receitas que parecem feitas para reunir pessoas em torno da mesa. Nesta edição, escolhemos dois clássicos gregos de personalidades bem diferentes: a Spanakópita, com suas delicadas folhas de massa filo envolvendo espinafre, ervas e queijo feta, e os Amygdalotá, pequenos doces de amêndoas, dourados por fora e macios por dentro.

Uma receita salgada e outra doce, ambas feitas com ingredientes relativamente simples e sabores marcantes — uma pequena viagem à Grécia para preparar em casa.

Torta grega de espinafre e feta

A Spanakópita (Σπανακόπιτα) é uma das tortas salgadas mais conhecidas da cozinha grega. Entre finas camadas de massa filo, encontra-se um recheio de espinafre, ervas aromáticas e queijo feta. Pode ser preparada em uma assadeira e cortada em quadrados ou apresentada em pequenos triângulos individuais.

Ingredientes

Para o recheio

- 250 g de espinafre fresco picado
- 1 colher (sopa) de azeite de oliva extravirgem
- 1 cebola grande picada
- 1 colher (sopa) de alho picado
- cebolinha e/ou alho-poró picado
- salsa fresca picada
- endro a gosto, opcional
- orégano ou tomilho a gosto, opcionais
- noz-moscada ralada a gosto
- pimenta-do-reino ou páprica a gosto
- 200 g de queijo feta, aproximadamente
- 2 ovos levemente batidos
- 80 g de cottage ou ricota
- 2 colheres (sopa) de parmesão ralado, opcional

Para a montagem

- 5 folhas grandes de massa filo
- azeite de oliva extravirgem ou manteiga derretida para pincelar

Modo de preparo

1. Lave bem o espinafre e seque-o cuidadosamente. Se utilizar espinafre congelado, descongele e esprema muito bem para retirar toda a água.
2. Aqueça o azeite em uma frigideira e refogue a cebola e o alho até ficarem macios. Acrescente o espinafre, a cebolinha, a salsa e as demais ervas escolhidas. Cozinhe por alguns minutos, até o espinafre murchar e o excesso de umidade evaporar. Retire do fogo e deixe amornar.
3. Em uma tigela, misture o feta esfarelado, os ovos, o cottage ou a ricota e um pouco de noz-moscada. Acrescente o espinafre e misture delicadamente.
4. Preaqueça o forno a 175 °C. Unte uma assadeira com azeite. Disponha metade das folhas de massa filo no fundo, pincelando cada uma delas levemente com azeite e deixando uma pequena sobra nas laterais.
5. Espalhe uniformemente o recheio de espinafre e feta. Cubra com as folhas restantes, novamente pincelando cada camada com azeite. Dobre para dentro as bordas excedentes e pincele também a superfície.
5. Faça cortes superficiais na massa, marcando os quadrados que serão servidos, sem atingir profundamente o recheio.
7. Asse por aproximadamente 30 minutos, ou até que a massa esteja bem dourada e crocante. Deixe repousar alguns minutos antes de cortar e servir.
8. À maneira grega: deixe o Gemistá repousar antes de servir. Morno ou em temperatura ambiente, seus sabores tornam-se ainda mais pronunciados. Um pedaço de feta ao lado completa muito bem o prato.



À maneira grega: a Spanakópita pode ser servida quente, morna ou em temperatura ambiente. Também pode ser preparada com antecedência e levada ao forno pouco antes de chegar à mesa.



Receitas do *Kalimera*



Sabores gregos para aquecer a mesa

Αμυγδαλωτά | AMYGDALOTÁ

Doces gregos de amêndoas

Os Amygdalotá (Αμυγδαλωτά) são tradicionais doces gregos preparados essencialmente com amêndoas, claras e açúcar. A textura é uma de suas características mais agradáveis: ligeiramente firmes e dourados por fora, permanecem macios e delicadamente úmidos por dentro.

São naturalmente preparados sem farinha de trigo e combinam especialmente bem com uma pequena xícara de café grego. A receita original rende aproximadamente 30 unidades.

Ingredientes

- 3 xícaras de farinha de amêndoas fina
- ¼ colher (chá) de sal
- 5 claras de ovos grandes
- ¼ colher (chá) de cremor tártaro
- 1 colher (chá) de extrato de amêndoas
- 1½ xícara de açúcar superfino
- ¼ xícara de amêndoas laminadas ou em lascas, para decorar

Modo de preparo

1. Preaqueça o forno a 165 °C. Misture a farinha de amêndoas com o sal e reserve.
2. Bata 3 claras com o cremor tártaro até formar picos firmes. Acrescente o extrato de amêndoas e o açúcar superfino e continue batendo até obter uma mistura brilhante.
3. Incorpore delicadamente a farinha de amêndoas com uma espátula. A massa ficará relativamente firme.
4. Acrescente as 2 claras restantes e bata novamente até obter uma massa uniforme. As cinco claras são, portanto, utilizadas em duas etapas diferentes do preparo. Texto colado
5. Coloque a massa em um saco de confeitar com bico grande em formato de estrela. Modele os doces sobre uma assadeira forrada com papel-manteiga, deixando algum espaço entre eles. Se não tiver saco de confeitar, pequenas porções também podem ser modeladas com uma colher. Texto colado

6. Coloque uma lasca de amêndoa sobre cada doce e leve ao forno por aproximadamente 17 a 19 minutos, até que a base esteja dourada.
7. Retire do forno, deixe repousar por cerca de 5 minutos na assadeira e depois transfira para uma grade até esfriarem completamente.

UMA DICA: se não encontrar açúcar superfino, bata rapidamente açúcar cristal ou refinado no liquidificador ou processador, apenas até obter cristais bem pequenos. Não se trata de açúcar de confeitiro.



Você sabia



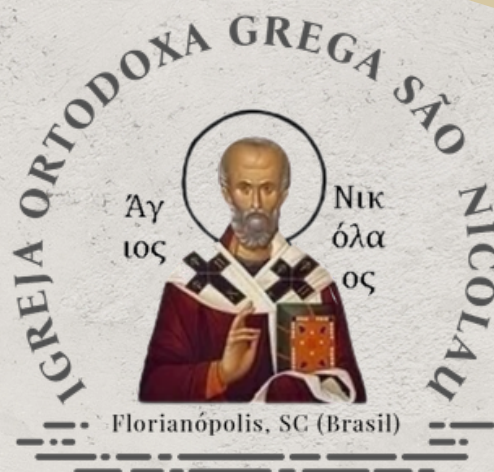
Os nomes das duas receitas contam um pouco sobre aquilo que chega à mesa. *Spanakópita* (σπανακόπιτα) reúne spanáki, **espinafre**, e **píta**, torta: literalmente, uma “torta de espinafre”. Já *Amygdalotá* (αμυγδαλωτά) deriva de **amýgdalo** (αμύδαλο), **amêndoa** — ingrediente que dá identidade a esses pequenos doces.

E há outro contraste interessante: na *Spanakópita*, a delicadeza vem das folhas finíssimas e crocantes da massa filo; nos *Amygdalotá*, da farinha de amêndoas e das claras, responsáveis por seu interior caracteristicamente macio. Duas técnicas bastante diferentes para dois sabores profundamente associados à mesa grega.

AGENDA

LITÚRGICO-PASTORAL

OUTUBRO-2026



DIA	DOMINGO / FESTA	OFÍCIOS DIVINOS	
4	2º Domingo de Lucas	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Jo 20,1-10 Epístola: 2Cor 9,6-11 Evangelho: Lc 6,31-36 (Modo 1º Eoth. 7)
11	Domingo dos Santos Padres do VII Concílio Ecumênico	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Jo 20,11-18 Epístola: Tt 3,8-15 Evangelho: Lc 8,5-15 (Modo 2º Eoth. 8)
18	Domingo do Santo Apóstolo e Evangelista Lucas	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Jo 20,19-31 Epístola: Cl 4,5-11.14-18 Evangelho: Lc 10,16-21 (Modo 3º Eoth. 9)
25	6º Domingo de Lucas	9h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas (Orthros): Jo 21,1-14 Epístola: Gl 2,16-20 Evangelho: Lc 8,26-39 (Modo 4º Eoth. 10)

